

A ESCRITA DO SEXO: DA TRADIÇÃO PORNOGRÁFICA À ESTÉTICA ERÓTICA

Silvio Tony Santos de Oliveira
(Universidade Federal da Paraíba - UFPB)
silviophoenix@hotmail.com

Hermano de França Rodrigues
(Universidade Federal da Paraíba - UFPB)
hermanorgs@gmail.com

Erotismo e pornografia: territórios que se cruzam e se confundem.

Sexualidade é componente fundamental de todo ser humano, é uma modalidade global do ser nos confrontos dos outros e do mundo, vinculando-se a intimidade, a afectividade, a ternura, a um modo de sentir e exprimir-se, vivendo o amor humano e as relações emocionais e afectivo – sexuais; é contanto, relação corporal, psíquica e sentimental, é o desejo voltado a pessoas e objectos, é sonho, prazer, mas também sofrimento; é pressentimento do futuro, consciência e plenitude do presente, memória do passado, sentimentos que se alternam, se cruzam de modo imprevisível, exigindo uma progressiva capacidade de compreensão e aceitação, sempre vinculadas a intensas sensações corpóreas. (Girolamo, 1993. p.01).

A sexualidade é um fenômeno que transcende a história da humanidade. Se a linguagem e a capacidade de racionalizar o pensamento são características que nos diferem dos outros animais, parece-nos viável incluir nessas “categorias especiais” a sexualidade. Os demais seres vivem a prática sexual com severa obediência ao “ide e procriai-vos”. Talvez esses seres não possuam nem mesmo sexualidade, pois, como explicitado acima, sexualidade vai muito além da consumação ou da prática de sexo.

O *Homo sapiens*, por sua vez, não condiciona a atividade sexual apenas para sua reprodução, dependendo da cultura do indivíduo, vale salientar. O sexo também é praticado para o prazer do corpo, para o alívio das tenções sexuais reprimidas socialmente. O ato sexual é desejo, prazer, é a busca da vivência de experiências e momentos que não se limitam à mera reprodução ou função de manutenção da espécie, como com outros seres.

Sexualidade é algo inerente ao ser humano. Transpassa culturas e sociedades. Esteve presente nas culturas pré-históricas, nos grandes impérios da antiguidade; (sobre)viveu à repressão sexual da idade média, imposta pela sociedade e principalmente pela igreja, chegando aos alfarrábios renascentistas, a exemplo dos escritos Aretino. Invade o século XIX, aprisionada aos grilhões da repressão vitoriana. Nesse cenário, manifestou-se através do anonimato e dos primeiros

materiais impressos pornográficos. Assim, a sexualidade é perene nos seres humanos. Seja ela vivenciada ou censurada, está presente trazendo prazer ou inquietação social.

Um prova das inúmeras inquietações, que a sexualidade provoca, é a ânsia de se tentar delimitar ou definir os territórios do erotismo e do pornográfico. É obvio que ambos compreendem ou tratam do mesmo assunto: a sexualidade. No entanto, quais seriam as competências da sexualidade atribuídas ao erotismo e, por conseguinte, à pornografia?

A nosso ver esses campos de circunscrição ou de delimitação são “imensuráveis” ou impossíveis de definir com tanta clareza. E qual a razão? Bem. Primeiramente porque ambos os fenômenos se completam e se entrelaçam como corpos insaciáveis em uma atividade sexual. Os conceitos de erótico e pornográfico vão além de uma simples categorização que “engesse” suas atribuições dentro da sexualidade. Ser erótico ou ser pornográfico está relacionado ao contexto social, cultural e histórico da sociedade e dos indivíduos.

O que se considera pornográfico nos dias atuais não significa que era pornográfico, por exemplo, na cultura grega, onde orgias, a título de ilustração, são eventos que não se chocam com a cultura helenística. Além do mais, parece-nos que a dificuldade em separar o “joio” do “trigo” tem relação com a subjetividade de cada indivíduo. A individualidade, a posição, os valores, tudo isso determina, no próprio indivíduo, a delimitação do erótico e do pornográfico. Portanto, como afirma Branco:

São, portanto, perigosas e parciais quais quer tentativas de compreensão e análise da pornografia que não contextualizem o fenômeno, ou seja, que não considerem os valores, as ideias e as normas de conduta em vigor no grupo social e no momento histórico em que determinada obra ou determinado comportamento foram considerados pornográficos. Se o conceito de pornografia é variável de acordo com o contexto em que se insere, e se é impossível articular todas as variantes desse conceito numa única definição, torna-se ainda mais difícil e perigoso tentar demarcar rigidamente os territórios do erotismo e da pornografia (BRANCO, 1987, p.72).

Sobre o fenômeno erótico, Branco afirma ainda que:

Definir erotismo, traduzir e ordenar, de acordo com as leis da lógica e da razão, a linguagem cifrada de Eros, seria caminhar em direção oposta ao desejo, ao impulso erótico, que percorre a trajetória do silêncio, da fugacidade e do caos. O caráter incapturável do fenômeno erótico não cabe em definições precisas e cristalinas – os domínios de Eros são nebulosos e movediços (BRANCO, 1987, p.65).

Como podemos observar, torna-se “perigoso” realizar um corte epistemológico com vistas à compreensão polarizada de ambos os fenômenos. Aceitaríamos a iminência de não conseguir ter uma visão do “todo”, mas apenas de uma parte ou de poucas partes que o compõem. A divisão entre o erótico e o pornográfico é “pantanosa” e “traíçoeira”. Entretanto, como ter uma pequena noção da manifestação desses fenômenos? Repito! Noção. Qualquer tentativa de delimitação se torna inviável pelos motivos já explicitados.

Na tentativa de responder ao questionamento, vamos recorrer às origens de alguns termos. O termo *erotismo* provém do mito grego descrito na obra clássica grega de Platão. *Eros* é o filho de Afrodite, deusa do amor, e antes da existência desse deus, existia, na terra, figuras andrógenas, que possuíam duas genitálias, quatro orelhas, quatro mãos, duas faces e uma cabeça, além de serem redondos. Por se tornarem poderosos e ameaçadores aos deuses, Zeus decidiu, por bem, parti-los. Cortá-los, para assim, servir melhor aos deuses e seus ideais. Esses seres passaram a “vagar” em busca de sua completude com a outra parte perdida e, conseqüentemente, em busca da forma perdida. *Eros* é o Deus da união, do amor, ele mescla e multiplica as mais variadas espécies vivas. *Eros* busca a união dos seres. A união pelo sentimento.

Pornografia, em sua origem etimológica, significa grafia ou escrita de prostitutas ou sobre a vida de prostitutas. Seria a escrita sobre o comércio do prazer sexual. Grosso modo, parece viável enveredarmos por esse caminho de distinção, mas “sabe-se muito bem que aquilo que uns consideram pornográfico, não o é para outros, e aí pesam não só as diferenças históricas, étnicas, ou culturais, mas também as subjetivas e individuais” (MORAIS & LAPEIZ, p.111).

MORAIS & LAPEIZ reconhecem as dificuldades de se conceituar o erótico e o pornográfico, tomando, como coordenadas, esses parâmetros. Entretanto comungando dos pressupostos teóricos das mesmas, consideramos uma possibilidade de distinção entre o erótico e o obsceno. Na tentativa de realizar essa distinção as autoras definem “o sentido da pornografia, se entendida como o discurso por excelência veiculador do obsceno: daquilo que se mostra e deveria ser escondido” (MORAIS & LAPEIZ, p.110). A obscenidade diz respeito àquilo que não deveria estar presente, aquilo que não deveria ser dito. Algo que foi censurado. Proibido!

A pornografia veicula, através do obsceno, aquilo que é censurado socialmente, ou seja, o discurso que é silenciado, mas não extinto, por questões de valores morais e sociais. Seria algo abjeto e capaz de ferir valores culturais cristalizados. “O método corruptor do libertino consiste precisamente na nomeação das posições sexuais e das partes mais secretas do corpo, valendo-se dessa “língua técnica”, cujos termos foram expulsos do léxico da decência.” (MORAES, 2003;

p.123). Tanto o erótico como a pornografia tratam da sexualidade. Entretanto, aquele busca uma sexualidade por meio do sentimento, da completude mesmo que momentânea.

Bataille (1987), utilizando a reprodução humana como ilustração, exemplifica, através da fecundação do espermatozoide com o óvulo, o fenômeno erótico. Segundo ele, assim como na fecundação, para um novo ser existir, “outro” ou “outros” seres têm que passar pela morte. A completude ocorre quando os corpos estão unidos, entrelaçados assim como na junção dos gametas humanos. O desejo de ser um único indivíduo, mesmo que momentaneamente, é o verdadeiro prazer. Por um instante “a forma androgênica” é restaurada. Os seres superam seus próprios limites em busca de restaurar a forma “perdida”. O desejo de reconstruir a completude tirada por castigo pelos deuses é o impulso da sexualidade sob o prisma do erotismo.

“Eros é atração, cria dentro de cada indivíduo o desejo de se completar com o outro e com o mundo, anseia eternamente pela fusão com o objecto do desejo, seu impulso maior é o anseio de vida, de permanência, de continuidade, uma atração quase irresistível, repleta de sensações intensas” (GIROLAMO, p.02), enquanto que a pornografia busca a sexualidade sem o sentimento. Os corpos são “descartáveis” e buscam apenas saciarem seus desejos reprimidos socialmente. O prazer pelo prazer. O erotismo tem a característica de juntar. Unir, reconectar a forma “perdida”. Refazer a “continuidade dos corpos”. Já, na pornografia, o corpo é corpus.

O espaço pornográfico é delimitado socialmente para os indivíduos extravasarem suas tensões sexuais reprimidas. É o “censurado-permitido”, delimitado, demarcado. Ao contrário do erotismo, o discurso obsceno busca a individualização do prazer sexual através da fantasia. O fantasiar é gozar. E, gozar, no obsceno não necessita nem de sentimentos muito menos da presença física do “outro”. O erotismo trabalha com a duplicidade do prazer. O obsceno trabalha com a individualidade do prazer. Basta salientarmos, por exemplo, a masturbação, o apelo à exposição das genitálias sem nenhuma relação com o ser por completo. Paulo Roberto Ceccarelli¹, em seu texto intitulado “A pornografia no Ocidente”, faz menção a uma própria citação sua em trabalhos anteriores e afirma que “a pornografia é o erotismo esvaziado de afeto” (CECCARELLI, 2011)

Não definimos os limites do erotismo e da pornografia. Nem ousaríamos fazê-lo diante do exposto aqui nesse trabalho. Entretanto, podemos observar que a definição do que viria ser erotismo e pornográfico não pode ser formulada sem considerarmos questões morais, sociais, culturais e históricas, tanto da sociedade como dos indivíduos que a constituem. Os fenômenos erótico e

¹ Psicólogo, psicanalista, doutor em Psicopatologia Fundamental e Psicanálise.

pornográfico se cruzam, entrelaçam-se na rede do mistério da sexualidade humana. É claro que, no campo literário, essa divisão é feita, por vezes, de forma “grosseira”, e, por isso, cabem algumas reflexões acerca dessas classificações.

O erótico e o pornográfico à luz do cânone literário

O erótico/pornográfico, na literatura, parece sofrer influência direta de valores ou juízos de valor. Eagleton afirma que “valor é um termo transitivo significa tudo aquilo que é considerado como valioso por certas pessoas em situações específicas, de acordo com critérios específicos e à luz de determinados objetivos.” (EAGLETON, 2011, p.17). Atribuir determinado valor, pejorativo ou não, a algo não se resume a uma mera subjetividade. Todo juízo de valor é condicionado por uma ideologia que rege as opiniões dos indivíduos socialmente. Logo, como a sexualidade ainda é vista, rodeada de “tabus” e repressões pela sociedade, conseqüentemente, alguns textos literários que tratam desse tema, recebem valorações pejorativas ou, até mesmo, censurados.

Observamos que o cânone literário é bastante marcante nessa seleção de obras, na inclusão e exclusão de autores, mas o que legitima isso? Que juiz dá o veredicto para a validação do cânone? Em primeiro lugar, é a crítica literária que atribui valores a determinados textos, imortalizando-os na história da sociedade como “intocáveis” e inquestionáveis. Por outro lado, a academia. A universidade e as escolas dão legitimidade. Os textos escolhidos como *corpus* de estudo nessas instituições científicas dão prevalência às obras consideradas consagradas, em detrimento de obras que tratam de assuntos que causam “tensão” e olhares perplexos no meio social. Por esta razão, os estudos baseados em obras eróticas/pornográficas ainda são poucos.

A academia ainda resiste em discutir sexualidade. No máximo, delimita um espaço que não condiz com a importância do objeto de estudo em questão. Portanto, como advoga Reis: “além disso, importaria considerar o locus institucional em que se efetiva o juízo de valor, que seleciona/descarta as obras do cânon, tais como a escola ou a universidade. A instituição legitima a autoridade do juiz que decreta o veredicto” (REIS, 1999. p.73). O referido autor ainda afirma que o cânone estaria alicerçado nos pilares básico que dariam sustentabilidade ao mundo do conhecimento ocidental: o patriarcalismo, o arianismo, e a moral cristã.

O conceito de erotismo e pornográfico, na visão do cânone literário, é no mínimo controverso. As obras consideradas referências no mundo literário tendem a ser classificadas como eróticas, enquanto que as que não gozam do respaldo literário são definidas como pornográficas.

Um dos grandes nomes da literatura brasileira, Gregório de Mattos (1636 – 1695) é um exemplo dessa contradição. Conhecido principalmente por sua poesia satírica, “Boca do Inferno”, como era chamado, também apresentava um leque de produções de cunho erótico/pornográfico. Suas obras, antes de publicadas, eram consideradas obscenas, libertinas e afrontavam os valores morais da época. Vejamos um exemplo da obra de Gregório, o poema intitulado: "Necessidades Forçosas da natureza humana":

"Descarto-me da tronga, que me chupa,
Corro por um conchego todo o mapa,
O ar da feia me arrebatava a capa,
O gadanho da limpa até a garupa.

Busco uma Freira, que me desentupa
A via, que o desuso às vezes tapa,
Topo-a, topando-a todo o bolo rapa,
Que as cartas lhe dão sempre com chalupa.

Que hei de fazer, se sou de boa cepa,
E na hora de ver repleta a tripa,
Darei, por quem ma vaze toda Europa?

Amigo, quem se alimpa da carepa,
Ou sofre uma muchacha, que o dissipa,
Ou faz da sua mão sua cachopa.

(MATOS *in* MENDES, 2014, p.249)

Não é raro encontrarmos na obra gregoriana referência sobre aventuras sexuais com negras e religiosas. No poema acima, podemos observar o uso de expressões de conotação sexual, por exemplo, a expressão “Descarto-me da tronga, que me chupa”, a qual faz referência a uma relação sexual oral feita na genitália masculina. Em outro momento, observamos uma “vulgaridade” exacerbada. O sexo, na visão do “eu lírico” é visto como uma necessidade humana que deve ser praticada para saciar os desejos carnis e fisiológicos, não praticar o sexo faz o canal ejaculatório “tapar”: “Busco uma Freira, que me desentupa; A via, que o desuso às vezes tapa (...)”.

Outro fato curioso encontramos na Carta de Pero Vaz de Caminha² enviada ao rei de Portugal, Dom. Manuel. O texto do século XVI descreve, com riqueza de detalhes, a chegada dos colonizadores em terras tupiniquins e a receptividade dos nativos. Entretanto, chama-nos atenção a

² Disponível em: www.dominiopublico.org.br/cartadepervazdecaminha.

descrição feita pelos portugueses dos corpos dos indígenas. Em especial, as índias. Vejamos a seguinte passagem:

Ali andavam entre eles três ou quatro moças, bem moças e bem gentis, com cabelos muito pretos, compridos pelas espáduas, e suas vergonhas tão altas, tão cerradinhas e tão limpas das cabeleiras que, de as muito bem olharmos, não tínhamos nenhuma vergonha (CAMINHA, 1500. p.04).

A Carta de Caminha é considerada a “certidão de nascimento” do Brasil. Logo, aos olhos da crítica literária, é inconcebível aceitar qualquer traço erótico/pornográfico nesse texto. Sendo assim, ele é rotulado como literatura de informação. Logo, pela definição, entendemos que os colonizadores, apenas e somente, tiveram a intenção de informar sobre os achados das terras brasileiras ao El rei. Nada mais que isso. Entretanto, observamos que os colonizadores descrevem com entusiasmo o corpo feminino indígena, mais precisamente suas genitálias, ao ponto de Caminha deixar transparecer suas próprias transgressões de pudor: “não tínhamos nenhuma vergonha”.

Como podemos observar, o conceito de literatura canônica e/ou não canônica, como também a rotulação de alguns textos como eróticos ou pornográficos ou até mesmo isentos de conotação sexual, são meros juízos de valor atribuídos de acordo com a posição social, valores culturais, históricos e ideologias das sociedades e seus indivíduos. O cânone literário atende a uma relação de poder com uma sociedade patriarcal, que tem, por objetivo, manter e difundir através do discurso literário seus ideais e valores morais, religiosos e culturais. Na visão do cânone, o pouco espaço reservado à sexualidade deve ser no máximo sinônimo de erotismo idealizado, jamais de pornografia “desqualificada”.

Referências:

- ANDRÉ, Jacques. **As origens femininas da sexualidade**. Rio de Janeiro: Zahar, 1996.
ANDRÉ, Serge. **O que quer uma mulher?**. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.
CECCARELLI, Paulo Roberto. **A nova ordem repressiva**. Publicado *in* revista Psicologia Ciência e Profissão, 30 (4), pag. 738-751, Pontifícia Universidade Católica, Minas Gerais, 2010.
CECCARELLI, Paulo Roberto. **A pornografia e o ocidente** *in* Revista (In)visível. Portugal, 2011.
CECCARELLI, Paulo Roberto. **Sexualidade e preconceito**. Publicado *in* Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental, III, 3, 18-37, 1999.
EAGLETON, Terry. **Teoria da Literatura: uma introdução**. São Paulo: Martins Fontes, 2003.
ESCOLÁSTICA, Maria. **O Gozo Feminino**. São Paulo: Iluminuras LTDA, 1995.

GIROLAMO, Fabiano Puhlmann Di. **Erotismo e Pornografia**, publicado in Revista Psicologia – Catharsis. “S/D”. Disponível em: <http://www.contranatura.pt/artigos/art4.pdf>. Acessado em 16/03/2016.

MILAN, Betty; BRANCO, Lúcia Castello; MORAES, Eliane R.; LAPEIZ, Sandra M. **O que é amor, erotismo, pornografia**. Coleção Primeiros Passos. Volume 11. Círculo do livro, “S/D”.

MORAES, Eliane Robert. **O efeito obsceno**. In *cadernos pagu* (20) 2003, p. 121-130.

POMMIER, Gérard. **A Exceção Feminina - os impasses do gozo**. Rio de Janeiro: Zahar, 1987

VALAS, Patrick. **As dimensões do Gozo - do mito da pulsão à deriva do gozo**. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.

VALDIVIA, Olívia Bittencourt. **Psicanálise e Feminilidade - Algumas Considerações**. In: revista Psicologia Ciência e Profissão, 17, (3), p.20 – 27, 1997.